

## APRESENTAÇÃO DO GUIA DE ESCRITORAS DA LITERATURA BRASILEIRA

Luiza Lobo  
UFRJ

Há cerca de dez anos iniciei estudos visando a publicar um *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Este trabalho completou-se agora, nas suas 500 páginas, com o selo da Record Editora do Rio de Janeiro, prometido até o final do ano 2.000.

No meu projeto de pesquisa para a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre o tema da literatura de autoria feminina, contei com a prestimosa ajuda de cerca de dez alunos de Iniciação Científica da graduação do Curso de Letras, durante uma década. Procurei estimular os bolsistas a colaborarem no trabalho de levantamento de dados.

As fontes bibliográficas sobre as escritoras foram consultadas na Biblioteca Nacional, na biblioteca da Faculdade de Letras, na Fundação Casa de Rui Barbosa e na Internet. Na Biblioteca Nacional conta-se com o depósito legal de cada obra publicada no Brasil – apesar das falhas. Alguns desses jornais nem mais existem, como é o caso do *Correio da Manhã*; outros não estão disponíveis para consulta por ainda não haver cópia em microfilme. Antes os dados estavam contidos nos velhos fichários, depois tornou-se possível imprimir listagens, nos computadores da Biblioteca, mas os dados estavam disponibilizados só a partir do ano de 1983; agora eles estão acessíveis na *homepage* da Biblioteca Nacional. Foram consultadas obras de referência, jornais, periódicos, dicionários biobibliográficos e obras literárias e críticas, em sua maioria, infelizmente, já fora de circulação, dada a falta de reedições no país.

Contratei dois revisores profissionais para cotejarem o material coligido com os catálogos das bibliotecas e as obras lidas, para evitarem-se erros de digitação ou de cópia. Havia também, a resolver, o problema da discrepância entre os dados a respeito dos autores consultados. Na citação de periódicos, tornou-se comum no Brasil incluir apenas o ano, omitindo-se dia ou mês, número do periódico, ano ou volume, e, principalmente, o número da página, o que não é tecnicamente aceitável.

Espero que este trabalho tenha sido um estímulo aos alunos bolsistas que participaram no projeto, e que, muitas vezes, encontram apenas na Universidade seu primeiro ambiente de estudo devido à falta de oportunidades no ambiente doméstico ou colegial. O *Guia* apresenta dados biobibliográficos, listagens das obras literárias completas de todas as autoras selecionadas e a bibliografia secundária mais significativa, ambas seguidas, em muitos casos, de resumos do assunto; no início, uma Introdução, e, ao fim da obra, uma ampla bibliografia geral.

Nos últimos três anos, busquei integrar o presente projeto numa Pesquisa Integrada do Nielm – Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura – da Faculdade de Letras da UFRJ, com apoio do CNPq, enquanto pesquisadora I, a qual passei a coordenar. Faz parte da pesquisa a Profa. Dra. Elódia Xavier, do Departamento de Letras Vernáculas, enquanto eu sou do Departamento de Ciência da Literatura. O principal objetivo do Projeto Integrado era articular a pesquisa produzida na Universidade com o público em geral. Idealizei, então, uma *homepage* que contivesse um Boletim Informativo, sobre congressos e obras publicadas pertinentes ao assunto, além de uma revista *on-line*, que foi intitulada *Mulheres e Literatura*. Dessa forma, a revista *Mulheres e Literatura* tem circulado no Brasil e no exterior, tornando possível ao público o acesso a informações sobre literatura e cultura que evidentemente despertam o prazer da leitura. A página já está no seu terceiro ano e tenho recebido centenas de *emails* de interessados, entre alunos de segundo e terceiro graus, professores do Brasil e do exterior e o público em geral. A página

vem sendo atualizada e constantemente aperfeiçoada (<http://w3.openlink.com.br/nielm>). Percebe-se que a Internet é um veículo capaz de, com crescente eficiência e rapidez, aproximar o produtor do texto universitário do leitor potencial, embora através de um suporte informal, hiperreal e pouco convencional. Penso que esta *homepage* do Projeto Integrado é um importante serviço prestado à comunidade, seja especializada ou não.

O *Guia* tem um perfil que imaginei desde os primeiros passos do trabalho, há uma década, e que difere de outros dicionários e enciclopédias de literatura. Incluí na pesquisa escritoras cariocas que tivessem publicado pelo menos um livro e tivessem nascido ou residido no Estado do Rio ou no Rio, tratando-se esta cidade de um centro de cultura importante, por ter sido a Corte e posteriormente a capital do país. Até hoje concentra o maior parque editorial de obras literárias do país. O *Guia* é a finalização dessa pesquisa, realizada nas vinte horas de permanência na UFRJ e com apoio da bolsa de Pesquisadora 1 do CNPq. Ele propõe-se a recuperar a história literária de autoria feminina no Brasil desde seus primórdios até a atualidade. Mas, apesar de tratar-se de obra grande, de 500 páginas, o que se ganhou em profundidade sobre cada autora, perdeu-se em quantidade. Apenas 40 autoras estão contempladas. Apresento a biografia, a bibliografia de cada autora, seguida por toda a bibliografia secundária e de referência que pude reunir sobre cada uma delas, além dos resumos de obras. Houve também a preocupação em apresentar ao leitor uma minuciosa bibliografia de apoio, ao final do volume. No início, há uma Introdução que pretende discutir pontos importantes do feminismo, tanto teoricamente quanto na sua realidade política e sócio-histórica. Apenas no aspecto relativo aos resumos de obras críticas ou literárias o *Guia* assemelha-se ao livro coletivo organizado por Diane Marting e para o qual colaborei, intitulado *Clarice Lispector: A Bio-Bibliography* (Westport, Greenwood Press, 1992).

Não tenho a pretensão de instituir as escritoras selecionadas como um cânone único ou hegemônico para o estudo da literatura de autoria feminina brasileira. Ao contrário, parto do princípio de que todo cânone é um recorte, um determinado olhar sobre o passado, a memória e a tradição. Portanto, não pode ser entendido como único. Por um lado, o *Guia* resgata a importância de escritoras que foram excluídas ou pouco consideradas na visão dos críticos da época patriarcal. Por outro lado, o crítico não pode se considerar acima ou isento de uma determinada leitura ideológica, pois ele também pensa a partir de sua própria vivência, como testemunho de seu tempo. O aspecto ideológico e os pressupostos teóricos a partir dos quais esse olhar se posiciona diante do campo simbólico constituem aspectos importantes na delimitação do *corpus*. Como exemplo, podemos citar o já clássico *The madwoman in the attic*, de Sandra Gilbert e Susan Gubar, que desde a escolha do título deixa entrever que sua busca do passado se encaminha na perspectiva de uma leitura de desvio, de desvão no cânone reconhecido e enfatiza a produção das escritoras excluídas, diferentes, marginais, loucas, recalçadas ou reprimidas.

Embora não haja uma posição prévia assumida na escolha das escritoras, além dos limites do volume a que tive de me limitar, afetará essa escolha também uma questão de gosto. E, assim, recaímos nos pressupostos ou critérios para esta seleção. Esses critérios não se querem acima de qualquer suspeita, como que traçando um cânone normativo e único, como parece indicar a escolha autoritária do crítico norte-americano Harold Bloom em *O cânone ocidental*. Uma discussão dos critérios culturais que influenciam na escolha do cânone também deve ser levada em conta – como bem mostrou Roberto Reis no ensaio “Cânon” (ver a coletânea *Palavras da crítica*, organizada por José Luís Jobim, Rio de Janeiro, Imago, 1992, Biblioteca Pierre Menard, p. 65-92). Nesta perspectiva, segundo exponho na Introdução, todo cânone é necessariamente uma escolha sociopolítica, por mais puramente estético ou inocente que ele se afirme.

Neste sentido foi que considere importante incluir escritoras que trazem uma contribuição importante para a compreensão sócio-histórica e política do país, talvez mais

que estética, ao introduzirem um corte na produção brasileira, geralmente praticada por mulheres brancas e da classe média. Por isso incluí o nome quase solitário de Carolina Maria de Jesus na prosa de ficção feminina, uma escritora proletária, negra e pobre, cujo *Quarto de despejo* já encontrou grande ressonância no exterior; e o nome de Maria Firmina dos Reis – do ponto de vista de classe e raça em posição semelhante, embora fosse professora primária no Maranhão, no século XIX. Considero-a a primeira mulher romancista do Brasil. Não imagino como se possa considerar o início da literatura brasileira de autoria feminina com Margarida da Silva Orta (ou Horta), filha de portugueses que saiu do Brasil aos cinco anos, sem aqui retornar – e não estou sozinha neste julgamento. Atribuo a Maria Firmina dos Reis a primeira obra publicada aqui, sendo *Úrsula*, além disso, o primeiro romance abolicionista escrito no Brasil (ver Luiza Lobo, *Crítica sem juízo*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1993).

Igualmente excluo outros cortes históricos para o início da literatura brasileira, que ora “seqüestram o barroco”, no dizer de Haroldo de Campos, ora incluem apenas a literatura posterior ao Arcadismo, como quer Antonio Candido, ora pregam que o início de nossa literatura se dá com a chegada da primeira gráfica, com D. João VI, em 1808, numa visão rígida do esquema autor-obra-público, como se pudéssemos focar o passado dentro dos mesmos moldes que este trinômio tem hoje. Em meu entender, a literatura brasileira começa com a ocupação da Ilha de Santa Cruz. A *Carta* de Caminha é um documento importante para o cânone da literatura brasileira, embora de autoria portuguesa. Já Anchieta e Vieira compõem este cânone inicial e intercontinental. É com os poemas de Anchieta, oriundo da Ilha das Canárias, mas que aqui produziu sua obra, que se inicia a literatura brasileira, como bem o situa Sérgio Buarque de Holanda na sua magistral obra *Poetas da fase colonial* (São Paulo, Perspectiva). Não entendo como se pode suprimir da nossa literatura brasileira todo o período barroco colonial. Neste todo, a produção de autoria feminina, especialmente na prosa, inicia-se, apenas, no século XIX. E nem poderia ser diferente, uma vez que a alfabetização das mulheres ocorreu praticamente apenas no período da república, segundo afirma Heleieth Iara Saffioti.

Consciente dos problemas que cercam o recorte de um determinado cânone, principalmente no que diz respeito aos contemporâneos, procurei balizar essa escolha por critérios objetivos: 1) acima de tudo, o da recepção da obra, que se baseia em aspectos culturais e de circulação de idéias; são eles que tornam aquela obra importante para um determinado público, que recorre à obra numa tentativa de autocompreensão; recepção que se altera a cada período da história; 2) a quantidade de edições que uma autora teve, sua recepção pela crítica literária em periódicos e em jornais; sua participação na imprensa, através de entrevistas, resenhas a seu respeito, ou publicações de textos; 3) a tradução de suas obras em livros ou periódicos estrangeiros é outro critério importante para avaliar-se a recepção da sua obra.

A teoria da recepção mostra-nos que o cânone ou os critérios de apreciação de uma obra alteram-se de acordo com as necessidades, informações e inclinações da própria sociedade. Daí a importância de o *Guia* incluir escritoras que hoje têm pouca divulgação e são pouco lidas, pois a recepção da obra não se encerra num só cânone. O aspecto da recepção do texto tem muita relação com a sociedade que o julga. É o caso da poetisa mineira Henriqueta Lisboa, cuja poesia inquietante e densa, mística ou introvertida é hoje menos lida e sem a mesma simpatia que lhe devotava o público apreciador da geração de 1945. No entanto, a figura pioneira da poetisa, conferencista e professora, autora de larga e comentada obra, pode ilustrar os passos pioneiros da escritora em direção à autonomia profissional e intelectual da literatura de autoria feminina no Brasil.

Embora sem recairmos na dicotomia monumento/documento enquanto objeto aurático, é sempre importante revisar a história com um olhar que busque encontrar as bases de uma mudança de atitude que revolucionou o mundo do século XX, na perspectiva

sócio-político e histórica. Este *Guia* apenas sugere uma das vias possíveis de abordagem da literatura de autoria feminina brasileira.

Os principais aspectos que eu gostaria de destacar com respeito a esta publicação são seu estímulo, através do apoio do CNPq e da UFRJ, à formação de pesquisadores entre os alunos de Graduação; seu estímulo à leitura e ao conhecimento da literatura e da cultura brasileiras; sua importância no sentido de suprir informações importantes, uma vez que é pequena a tiragem das edições e que ainda há pouca divulgação das escritoras em nosso meio em dicionários ou enciclopédias, na mídia etc; sua contribuição ao diálogo entre o trabalho realizado na Universidade e o público que a subvenciona, basicamente através da Internet, obtendo-se a divulgação dos resultados da pesquisa no momento mesmo em que ela é feita. Uma das formas de constantemente reconstruirmos e repensarmos nossa identidade cultural é pelo acesso a dados fundamentais que nos permitam conhecer nossa literatura e sua visão sobre a cultura nacional e estrangeira, seu impacto nacional e internacional. Isso só pode ser realizado pelo conhecimento de nossa história e sua relação com a comunidade nacional e internacional. Espero que este *Guia* seja uma pequena contribuição neste sentido.